

EXPERIMENTAÇÕES GRÁFICAS E DE GÊNERO: PRÁTICAS DE LIBERDADE E CRIAÇÃO DE SI

Aluno: Luna Bretas Cassinelli Machado Vieira

Orientador: Carlos Eduardo Félix da Costa

Introdução

O primeiro semestre da pesquisa, iniciado em 2023, buscou investigar simultaneamente possibilidades de experimentações gráficas, e de práticas que situam o corpo para além do regime binário e heterocêntrico do gênero. Para isso, foram combinados processos de busca corporal-identitária do pesquisador, em sua vivência que transcende esse regime, com pesquisa teórica e artística. A partir desse constante fluxo, foram realizadas práticas de produção e reprodução de imagem (em desenho, serigrafia, gravura e fotografia e suas combinações) a fim de exaltar maneiras de experienciar o corpo *queer* não mais como abjeto, mas sagrado e produtor de prazer-saber. Em um cenário em que se as identidades marginalizadas só tomam lugar de enunciação quando atingidas pela violência, objetivamos representar as complexas delícias do caos que são produzidas internamente, pelos corpos que são congelados como alvos. Debatendo práticas de liberdade que são vividas, hoje, no amor, na festa, no sexo; na negação do corpo e construção de um novo, foi realizada uma montagem visual das imagens que foram produzidas no processo.

Na primeira seção dessa trajetória, foram utilizados três principais autores: A filósofa Judith Butler, e sua teoria da Performatividade de gênero; Paul Preciado em três obras (Um Apartamento em Urano, Sou o Monstro que Vos Fala e Manifesto Contrasexual), dando foco ao conceito de Contrasexualidade; e a pesquisa de Zonas Autônomas Temporárias (TAZ) do poeta e teórico anarquista Hakim Bey. Foram combinadas às referências teóricas à referências artísticas que exploram os mesmos temas, combinadas à investigação de vivências do pesquisador de maneira a fomentar as experimentações gráficas que tomavam curso. Nossas discussões e referências dessa primeira seção permitiram a construção de uma linguagem sobre os processos mundanos da construção de identidade, e a criação de um espaço que cultua as práticas dissidentes de gênero.

Metodologia

Pesquisa qualitativa e exploratória em que se estabeleceu uma rotina de experimentações gráficas, documentando as trocas produzidas entre a bibliografia e as práticas observadas e vivenciadas pelo pesquisador, que permeiam gênero e identidade. Essas foram representadas/referenciadas principalmente por ilustrações, mas também por fotografia e escrita. Para expandir a prática do desenho, foram exploradas diversas técnicas no laboratório PRELO (Laboratório de Experimentos Gráficos) da PUC-Rio sobretudo de serigrafia e gravura. A criação do repertório gráfico possibilitou combinações não previstas de imagens, que passaram a ser interligadas em forma de instalação, a fim de configurar um espaço físico em que as práticas de liberdade representadas são adoradas. Ao adotar esse caminho durante sua construção, partimos para a investigação de representações sagradas (mandalas, altares) que se traduziram no processo através de figuras divinas, misticismo e simetria.

Objetivos

- Levantar bibliografia referente a processos de (des)construção do gênero, práticas de liberdade, prazer, afeto e representação corporal;
- Criação de um repertório gráfico para investigação de desdobramentos;
- Identificação de contextos em que se emerge o tema;
- Desenvolvimento de uma linguagem pessoal na área interdisciplinar entre a Arte e o Design;
- Investigação de desdobramentos projetuais que deem seguimento à pesquisa.

Desenvolvimento

1. Identidade de gênero e Performatividade

Para dar início à pesquisa, foi estudado o conceito de performatividade da filósofa Judith Butler, e a problematização dos conceitos de "gênero" e "identidade". A autora afirma que o gênero é performativamente construído dentro de uma matriz heterossexual e binária, definindo uma única maneira possível (ou melhor, duas) de se experienciar o corpo, à medida que essa é culturalmente condicionada.

Não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída pelas próprias "expressões" tidas como seus resultados. (BUTLER, 2003, p. 56)

Por consequência dessa lógica, toda maneira de construção de si que foge à norma, é colocada à margem; a própria condição de pessoa é colocada em questão, conforme essa foge do que a autora define como "domínio imaginável do gênero", demarcado pela linguagem. Butler aponta que, se a

noção de identidade tem como base categorias presumidamente estáveis (sexo, gênero, desejo), aquele que não apresenta tal consistência é roubado da posição de sujeito. Nesse sentido, o trabalho objetiva o desenvolvimento de uma nova linguagem, que vai além desse domínio binário e heterossexual. Constituir uma maneira de comunicar, na arte e no design, experiências trans, gays, não-binárias, *queer*, como a minha, ao reconhecer as vivências que constroem um corpo que foge dos limites hegemônicos, e sobretudo não deseja se enquadrar nesses. Para que isso seja possível, é necessário compreender que, como a autora afirma, gênero é uma relação contextual, não um substantivo. É algo que acontece, não que se é. Assim sendo, da mesma forma que determinadas relações (seja entre sujeitos, sujeito-cultura, sujeito-espaço, etc.) impossibilitam colocar-se para além desse binarismo, algumas faíscas de convergência possibilitam fugir à norma. É no caminho de reconhecer essas faíscas, que o trabalho se constitui.

2. Primeiras e experimentações com Silk

O início da pesquisa prática partiu da tentativa de criar uma realidade imagética em que toda fuga dessa matriz heteronormativa é possível. Dessa forma, as primeiras experimentações definiram um processo que seria repetido até o fim dessa primeira etapa de pesquisa: desenho à mão livre (com caneta, lápis de cor, giz pastel, etc.), digitalização por softwares digitais, e retorno ao analógico, para experimentação com diferentes técnicas de re/produção de imagem. Esse processo foi realizado no laboratório de experimentações gráficas (PRELO) da PUC, quase em sua integridade.

Para o desenvolvimento das ilustrações, desde o início, foi fundamental a filosofia viva de Paul B. Preciado, auto-declarado "dissidente de sexo e gênero". O escritor desdobra a lógica de Butler a nível material, ao analisar a maleabilidade do gênero a partir da sua experiência como homem trans, e questionando sua categorização de "monstro" e "doente".

Não existem margens opostas. Estamos todos na encruzilhada. E é dessa encruzilhada que lhes falo, como o monstro que aprendeu a linguagem dos homens."
(PRECIADO, P. B., 2019, p.27)

Assim, a imagem de monstros, misturas de corpos, biológicas e interações passa a ser uma das representações do trabalho, traçando um paralelo à ressignificação da "identidade monstruosa" colocada por Preciado. O monstro não é mais um produto do discurso médico-psiquiátrico e conservador, e sim um produtor de ideias, corpos, desejos.



Figura 1 - Experimentos serigráficos em papel A3 e short jeans, com tinta puff. Luna Cassinelli (2023)

Para a produção do experimento, foi realizada uma impressão em adesivo do desenho digital, na máquina Silhouette do PRELO. O adesivo foi colado em uma tela serigráfica vazia, e finalmente serigrafada em papel e vestuário (short). Foi utilizada tinta reagente ao calor (em branco, tinta puff), a fim de produzir contraste de texturas. O objetivo era tanto um primeiro teste da técnica, quanto da possibilidade de produzir tanto peças bidimensionais, quanto vestíveis.

Para além da resignificação de sua posição perante a linguagem, o autor introduz sua obra 'Um Apartamento em Urano' (2019) com a afirmação de que passou a considerar seus sonhos parte integrante da vida, seja por consolo ou sabedoria, e a partir daí inventar uma nova realidade para si, convidando o leitor de sua obra a fazer o mesmo. Sua lógica possibilitou um paralelo com o trabalho do escritor e ilustrador Henry Darger. Mesmo vivendo sua vida em reclusão absoluta, dadas suas condições psíquicas, foi o ato de se projetar que possibilitou seu trabalho, e uma maneira de sobreviver à solidão. Darger mistura o fantástico e o real, ao confeccionar um profundo universo imagético e conceitual permeando cultura, política, religião, estética e outros temas. É o imaginário em fuga utilizando a criatividade como saída.



Figura 2 - 149 *At Jennie Richee narrowly escape capture but Blengins come to rescue* (1892-1973), de Henry Darger. Disponível em:

<<https://www.christies.com>>

O desenvolvimento das ilustrações em sequência foram motivados pelas composições planas de Darger, uso de cores vibrantes e mistura entre fantástico e real. Da mesma forma que os trabalhos do artista fundem uma vivência cotidiana com imagens e desejos do inconsciente, a ilustração mistura um cenário trans real e onírico. Pessoas se injetam hormônios, costuram pontos de cirurgias, se tatuam, tudo simultaneamente, no que pode ser um espaço físico ou imaginário. É retratado o desejo de modificar o próprio corpo e de estar acompanhado nesse processo. As ilustrações geradas viraram experimentos serigráficos, em papel, tecido e peças de vestuário que já possuíam significado, como no caso do *binder*¹ (peça de roupa utilizada para diminuir a aparência dos seios).

Figura 3 - Ilustrações em lápis de cor; Luna Cassinelli (2023).

¹ Peça de roupa utilizada para diminuir a aparência dos seios. A prática é chamada de "*binding*" podendo ser realizada também com outros materiais.



Figura 4 - Versões digitais das ilustrações; Luna Cassinelli (2023)



Figura 5 - Experimentos de serigrafia com sobreposição/mistura de cor, em tecido (à esquerda) e papel (à direita). Luna Cassinelli (2023).

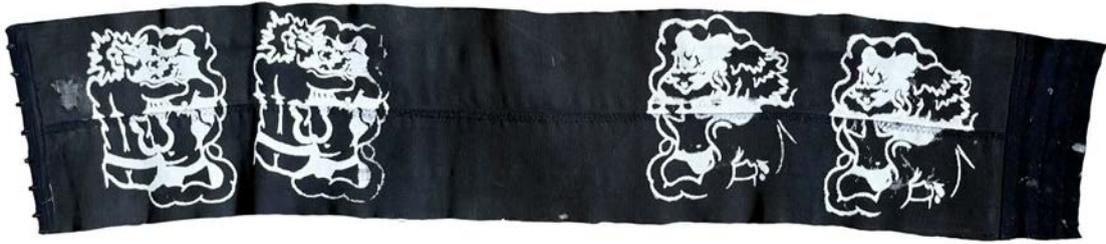


Figura 6 - Serigrafia em *binder*. Luna Cassinelli (2023)

Devido ao uso de adesivo, e não uma tela matriz realmente gravada, o processo de serigrafia de cada imagem era repetido até sua destruição. O corrompimento dos resultados ao longo do uso de cada adesivo produziu novas texturas (especialmente no uso de tintas que reagem ao calor), erros de encaixe, atritos. As incongruências encontradas, no entanto, foram bem vindas, dialogando com a imprecisão das imagens, que se confundem entre a realidade e o produto do desejo. Assim, as "falhas" direcionaram um novo caminho de experimentos, partindo então para a gravura e explorando suas imprevisibilidades.

3. Gravuras

Para a nova leva de experimentos, foi estudada a técnica da gravura, em matrizes de Raio-X, placa de latão e borracha. O processo se deu utilizando a prensa manual do laboratório PRELO e, acima de tudo, as trocas com a aluna Beatriz Saboya, que realizava estudos da técnica no mesmo período. As imagens ainda partiam de desenhos à mão livre; retratações cotidianas de desejos carnavais. A partir da mesma lógica de criação de imagens caóticas, surgiu o interesse em combinar imagens entre si. Assim, foram produzidas pontes entre outras partes e cenas do processo, combinadas com processos de "impedimento" de aderência da gravura. Esses impedimentos foram pedaços de papelão utilizados para cobrir parte do papel, aplicação de água na superfície antes ou depois de ser gravada, desgaste do papel com giz de cera, intervenções de escrita e sobreposição de imagens. As gravuras foram inicialmente feitas somente com tinta preta, mas pela necessidade de resgatar a vivacidade das imagens, a cor voltou a ser parte importante do processo.



Figura 7- Gravuras a partir de matrizes de Raio-X e latão, em papel. Luna Cassinelli (2023)

As intervenções experimentais originaram novas referências de distanciamento do plano real mais ligadas à representação do divino, como a semelhança com altares barrocos, que foram desdobradas posteriormente. Os resultados, aparentes testes e sobras, foram remontados algumas vezes e transformados em novos trabalhos, partes de outro inteiro, agora também com aspecto tridimensional. O processo de recorte e reposicionamento que partiu da gravura, foi desdobrado em

novas composições digitais e analógicas, trabalhando com a conexão de formas que inesperadamente se assemelham.



Figura 8 - Colagens a partir de gravuras em latão. Luna Cassinelli (2023)

4. Práticas contrassexuais e Zonas Autônomas Temporárias

Em paralelo à experimentação de técnicas, a busca teórica se manteve, sendo duas importantes leituras o Manifesto Contrassexual (Paul Preciado, 2000) e Zonas Autônomas Temporárias (Hakim Bey, 1985). Para contemplar a primeira obra, é importante destrinchar o conceito de contrassexualidade de Preciado: a busca pela resistência da dominação do corpo, sexo e identidade, ao propor que nos enxerguemos não mais como homens e mulheres, mas sim corpos vivos². O autor propõe que isso seja feito ao enxergar os desvios que já se produzem do sistema heteropatriarcal e reproduzi-los, como praticantes ativos de uma identidade que não deseja se conformar. Seus exemplos

²PRECIADO, P. B. Manifesto Contrassexual. Políticas subversivas de identidade sexual. (p. 32)

partem, sobretudo, da produção e troca de prazer-saber, ressignificando tecnologias de controle sexual (tanto da linguagem, quanto da materialidade, como é o caso do dildo, elemento central do Manifesto). Ao analisar as revolucionárias possibilidades de contraprodutividade que já ocorrem, Preciado afirma que toda reinvenção de si já existe agora.

Não nos falta nada. Deleuze e Guattari já haviam dito isso. Não nos falta nem o pênis e nem os seios. O corpo já é um território pelo qual os órgãos múltiplos e identidades diversas cruzam. O que nos falta é vontade, todo o resto sobra. (PRECIADO, P. B., 2000, p. 205)

A pesquisa de Zonas Autônomas Temporárias (TAZ) de Hakim Bey dialoga diretamente com a contrasexualidade. O conceito de TAZ não é definido ao longo de todo o livro, mas sim exemplificado como espaços que existem, na ausência de instituição, fê, moral, ou outros tipos de controle, em que se experiencia uma fração de liberdade, temporariamente. Bey, assim como Preciado, não enxerga potencial na espera pela utópica libertação universal, mas sim pela possibilidade de experienciar o sentimento do levante no cotidiano.

[...] a TAZ quer viver neste mundo, não na ideia de outro mundo, um mundo visionário qualquer nascido de uma falsa unificação (...). A TAZ é "utópica" no sentido que imagina uma intensificação da vida cotidiana ou, como diriam os surrealistas, a penetração do Maravilhoso na vida. Mas não pode ser utópica no sentido literal do termo, sem local, ou "lugar do lugar nenhum" A TAZ existe em algum lugar. (BEY, H., 1991, p. 14)

Ao relacionar os dois autores, foi notável a necessidade de analisar as Zonas Autônomas Temporárias e práticas contrassexuais que fazem parte da produção da identidade em comunidade e a nível individual. Dessa forma, esses registros foram pensados de forma a analisar como o contato com essas TAZ no passado e presente, possibilitam a criação de nossas próprias Zonas e práticas, corporais e artísticas.

A fotografia foi mais uma experimentação nesse processo, seja ao se tornar base para criação de novos desenhos, quanto base de aplicação, ou tendo um fim em si mesma. São fotos resgatadas ou tiradas ao longo do processo de pesquisa, editadas com Mapa de Gradiente e Halftone no Photoshop. Após algumas possibilidades de uso de cor, o azul acabou sendo escolhido para o trabalho a partir daqui, nessa primeira seção da pesquisa. A escolha se deu tanto para padronizar as imagens, quanto para equilibrar com os outros trabalhos, por ser a cor mais presente durante o processo.

3.1. No mundo: Se celebrar e se construir em comunidade

A cultura Ballroom no Rio de Janeiro é um importante ponto de resistência da vida LGBTQIA+, sobretudo trans, vivenciada pelo pesquisador desde 2022. É um movimento de performance, competição e celebração da comunidade, que surgiu nos Estados Unidos na década de

1970, e foi reapropriado no Brasil e no mundo. No contexto do Rio de Janeiro, os eventos costumam ocorrer na Lapa, em espaços de cultura e acolhimento, como a Casa Nem. Esses são organizados de maneira autônoma pelos próprios participantes, e as competições ocorrem entre "casas" (grupos; famílias que se escolhem) de integrantes da Cena. Nela, são disputadas categorias de performance (ex.: *voguing*), vestuário, referência a diversos temas, etc, com prêmios simbólicos aos vencedores. Conforme o pesquisador foi absorvido e modificado pelas idas aos eventos, a Ball como TAZ tornou-se parte da pesquisa.

As fotografias registram dois momentos da cena: o encontro de pessoas transmasculinas presentes (em que o pesquisador participa da foto), e a vitória da Casa de Cosmos no fim de uma temporada de Balls. As fotos foram tiradas com celular em março de 2023 e dezembro de 2022, respectivamente, e tratadas durante a pesquisa, esse ano. A figura de Vitória Jovem (que segura o troféu na foto), integrante da dupla de artistas Irmãs Brasil e mãe (líder) da Casa de Cosmos, tornou-se central no desenvolvimento do trabalho. Para além da reprodução de sua imagem a partir da foto, foi referenciado o trabalho artístico da dupla que existe para além da Ball.



Figura 9 - À esquerda: *Vitória da Casa de Cosmos* (2022); Luna Cassinelli. À direita: *Ball transmasculine*, registro resgatado de uma amiga (2023); fotografia de Amanda Prange e edição de Luna Cassinelli.



Figura 10 - *Transmorfo* (2020), da série fotográfica “*Metamorfoses dos genes – Experimentos de uma nova humanidade*”, de Frederico Favo e Irmãs Brasil. Disponível em:

<https://www.pipaprize.com/irmas-brasil/transmorfo/>

Ao produzirem trabalhos artísticos na dança, teatro e performance, as Irmãs ecoam a existência travesti e, em suas palavras, criam "desvios nas tecnologias heteronormativas e coloniais". Sua forma de ressignificar o corpo em seus trabalhos desloca o posicionamento da *corpa* trans em sociedade, para um lugar de luxo e admiração, seja ao levantar um troféu vestidas de roupas brilhantes confeccionadas pela própria comunidade que está presente, ou ao retratar-se como pós-humanas.

Em discussões durante o processo de pesquisa, buscou-se mapear, também, outros movimentos históricos no Brasil que produzem repercussões semelhantes, se opondo à lógica heteronormativa. Chegamos ao grupo de teatro Dzi Croquettes, que subiu aos palcos em meio à ditadura no Brasil, manchando a linha entre o feminino e masculino e resistindo à censura. Ao experimentar com a linguagem teatral, os 13 integrantes brincavam com sexualidade e performance de gênero, operando o que Butler chamou de "práticas perturbadoras"³. Através de figurinos glamourosos e interpretação de personagens que fogem da lei heterossexual, vivenciaram em palco a liberdade de existência pelo humor e espontaneidade. O grupo utiliza os próprios signos da matriz heteropatriarcal para desordenar o conceito de gênero, confeccionando uma via de escape tão enérgica, que ecoa para fora do teatro.

³ BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. (p. 44)



Figura 11 - DZi Croquettes: Lennie Dale e Ciro Barcelos (1972-1976). Disponível em:

<<https://portal.sescsp.org.br>>

Torna-se evidente que esses movimentos foram fundamentais para o disparo de faíscas libertárias, pela sua ousadia celebratória; pela festa, dança, alegria e irreverência, mesmo (e sobretudo) nos cenários mais retrógrados. Entende-se o impacto de retratar corpos que bagunçam toda uma lógica comportamental, e que fazem isso pela criação de uma linguagem (teatral, estética, performática, identitária), essencialmente geradas pela troca coletiva.

3.2. No íntimo: novas formas de afeto e construção de si

Foram buscadas novas formas de representação de trocas realizadas em âmbito íntimo acerca da subjetividade de gênero, para além de ilustrações já trabalhadas em cima desse tipo de cenário. Trocas que produzem novas formas de existência, mas que só são possíveis devido à criação de espaços conectados pelo encontro de vivências parecidas. Nesse sentido, foi pesquisado como referência o trabalho fotográfico de Robert Mapplethorpe, pelo caráter contrasexual de suas obras, especialmente no contexto da luta pelos direitos LGBTQIA+ e combate à aids na década de 1970.



Figura 12 - Larry and Bobby Kissing (1979); White Gauze (1984) e Embrace (1982) de Robert Mapplethorpe. Disponível em:

<<https://www.artgallery.nsw.gov.au>> ; <<https://www.dazeddigital.com>>;

<<https://www.davidsoncollegeartgalleries.org>>.

O trabalho de Mapplethorpe retrata o afeto *queer* em seus ensaios sem perder a sensação da experiência como real. Sua reconstrução simbólica do afeto que é classificado como impuro, agora como belo, foi buscado no experimento fotográfico nesta pesquisa. Através da performance de um momento habitual de dois corpos não-binários se evidencia, literalmente, o caráter performativo do gênero.



Figura 13 - Sequência fotográfica, afeto e binding. Luna Cassinelli e Laura Pies (2023)

Assim, os retratos feitos conjuntamente entre Luna e Laura capturam um momento íntimo de afeto trans-centrado. No registro, um auxilia o outro no processo de *binding* com fita, enquanto trocam carinho; a reprodução de um momento de cuidado cotidiano. O registro reconhece que o próprio quarto pode-se tornar uma Zona Autônoma Temporária, a depender das relações e possibilidades que se criam ali.

5. Mesclas de imagens e desdobramentos

Assim, iniciou-se um processo de combinação das imagens geradas até então, passando por algumas técnicas de ilustração e estudo de novas referências. O processo contemplou o traçado de desenhos, fotos e textos que fizeram parte do processo, em colagem; releitura em lápis de cor e, finalmente, a digitalização de duas ilustrações. Para a produção dessas, e futuros desdobramentos acerca do tema, foi discutida a obra de Hieronymus Bosch, 'O Jardim das Delícias Terrenas'.

O tríptico descreve a história da criação do mundo, simbolizando os prazeres e pecados carnavais, e se distanciando do pensamento tradicional religioso, sobretudo da época. É simultaneamente retratado o paraíso e o inferno, num delicioso caos.



Figura 14 - *O Jardim das Delícias Terrenas* (1490-1500), de Hieronymus Bosch. Disponível em:

<<https://www.museodelprado.es>>

Assim, a obra de Bosch se traduziu nas novas composições da imagem, além da experimentação do uso de cor. Objetivou-se maior interação entre os elementos desenhados, de forma a reproduzir a "dança" das figuras, como na pintura, mas acima de tudo a inclinação à representação do sagrado em meio ao hedonismo e o uso de simetria, fundamental na ilustração 2.



Figura 15 - À esquerda: Colagem em papel vegetal e caneta; À direita: Releitura da colagem em lápis de cor, ambos em papel A3. Luna Cassinelli (2023)

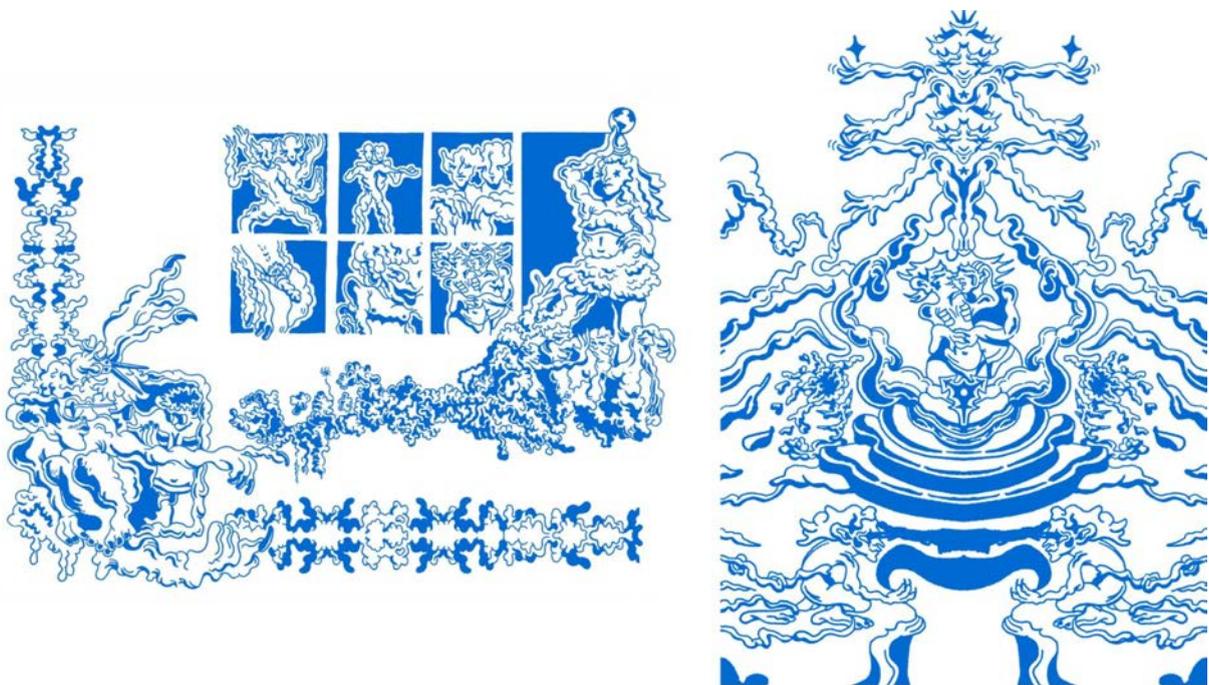


Figura 16 - Digitalização de ilustrações que partiram do processo mencionado. Luna Cassinelli (2023).

As imagens digitalizadas foram transformadas em tela matriz de Silk, pela primeira vez, a fim de facilitar o processo de reprodução.



Figura 17 - Serigrafias em *binder*, impressão fotográfica e camiseta, feitas a partir das telas.

Luna Cassinelli (2023)

6. Altar

Iniciaram-se os processos de montagem dos trabalhos produzidos até então, estudando possibilidades de instalação. Iniciaram-se as discussões de possíveis locais da formulação dessa etapa, até que a oportunidade se alinhou justamente com as conclusões tomadas até então, ao notar-se a possibilidade de uso de uma das paredes do quarto do pesquisador, previamente oculta. O uso desse espaço atribuiu maior simbolismo à instalação, à medida que se faz no mesmo lugar em que foram significadas suas práticas artísticas, afetivas, sexuais e identitárias.

Foram experimentadas três configurações, ou instalações temporárias. Tomando a maneira de compor imagens do artista expressionista Robert Rauschenberg como referência, a primeira combinação de trabalhos teve maior foco no sequenciamento e ligação de formas previamente desconectadas.



Figura 18 - À esquerda: Primeira configuração de trabalhos da pesquisa, na parede. Luna Cassinelli (2023). À direita: Robert Rauschenberg (1970). Disponível em:

<https://denisbloch.com/artworks/>

Sentiu-se no resultado, no entanto, a ausência de harmonia, recorrendo novamente ao equilíbrio do 'Jardim das Delícias Terrenas', e a busca referente à sacralidade. O objetivo era ampliar as referências oníricas (já previamente citadas, como no caso de Darger) e a simbologia divina, de maneira quase irônica. Assim, as novas composições se guiaram pela ideia da construção de um altar. Um local de veneração das práticas contrassexuais retratadas, do corpo dissidente, das vestimentas que fazem parte da criação de identidade e do processo. O altar busca reposicionar o corpo trans como digno de adoração, através das imagens de celebração, plasticidades e dildos, modificações corporais, reinvenções sexuais e amorosas; como se, de forma contraditória, fossem esses pecados que prometessem a ascensão. Um barroco pagão que prega pela "penetração do maravilhoso na vida"⁴, através da abundância, do excesso.

⁴ BEY, Hakim. TAZ: Zona Autônoma Temporária. (p. 14)



Figura 19 - Primeira configuração do "altar". Luna Cassinelli (2023)

As experimentações gráficas foram coladas na própria parede, e uma placa de madeira apoiada em um banco foram utilizadas como suporte para objetos (são exemplos o *binder* e a matriz da gravura em metal). O uso da simetria além de simbolizar a proteção e divindade, equilibra a quantidade de elementos e formas presentes, mas é utilizada sem o objetivo de perfeição.

Conclusão

O primeiro ano de pesquisa se encerra com amplo repertório gráfico produzido em viés experimental, além do levantamento de bibliografia e referências artísticas. Para o segundo ano, é prevista a continuidade da instalação que já está em curso, combinada ao estudo de novas possibilidades de ocupação do espaço, desdobramentos de vestíveis, e de referências religiosas. Paralelamente, será dada continuidade aos estudos de gênero e performatividade.



Figura 20 - Estado atual da instalação, com interferência em desenho digital. Luna Cassinelli (2023)

As discussões acerca do conceito do altar direcionaram o interesse de pesquisa sobre mandalas tibetanas, seu simbolismo de proteção e auto-descobrimto. Será estudada sua composição sígnica e ritualística, a fim de incorporá-los na linguagem artística que tem sido desenvolvida no ano de 2023. Esse estudo aponta desde já para a construção da simetria radial no trabalho, para além da bilateral, projetando uma espécie de arquitetura celestial e harmônica.

Adiante, planeja-se a continuidade do estudo de instalações, e ocupação do espaço. O aprofundamento de artistas previamente citados, como Robert Rauschenberg, virá acompanhado de novos, como Dora Longo Bahia. O objetivo é intervir para além dos limites do papel/tecido/quadro, como representado no planejamento digital acima, que inclui formas assemelhadas às trabalhadas pela artista e a possibilidade de adicionar escrituras, como pequenas profecias. O aumento das dimensões da instalação, assim como a pesquisa do uso de cor, também são almejados. Finalmente, é pensado o desdobramento de vestíveis, principalmente aqueles que já são dotados de significados relacionados a gênero e transexualidade, sendo incorporados, ainda, na instalação.



Figura 21: À esquerda: *Chakrasamvara Mandala* (ca. 1100). À direita: *Explosão Plástica (Inevitável)* (2022), de Dora Longo Bahia. Disponíveis em:

<<https://www.metmuseum.org/art/collection/>> ; <<https://galeriavermelho.com.br/artistas>>

Ao trabalharmos o processo de experimentações gráficas, conjuntamente com de gênero, foi possível desenvolver uma linguagem que burla o imaginário enclausurado pela matriz heterocêntrica. Falar de transsexualidade, dissidência, corpos e práticas marginalizadas com pulção de vida e prazer, de forma contrária à que se fala sobre esse mesmo tema no cotidiano. Ao posicionar cuidadosamente o desejo de experimentar a liberdade, foi desenvolvido um trabalho que cultua zonas de produção de si para além das noções de homem/mulher, héterossexual/homossexual, material/imaterial. Os resultados desse primeiro ano convidam aquele que enxerga as existências celebradas neste trabalho não mais como distantes de si. Que enxergue o efervescer da encruzilhada, e caminhe pelo direito de re-experienciar o corpo de maneira livre, como foi evidenciado ser possível no agora.

Agradecimentos

Agradeço ao Carlos Eduardo Félix, pelas orientações, trocas e confiança durante o processo. Ao João Bonelli, professor, por criar a ponte que deu início à essa pesquisa.

À toda a equipe do PRELO, sobretudo Aline Paiva, Leonardo Amaral e Kallie Dias, que estiveram presentes durante todo o processo de experimentação, me ajudando e pensando em novas possibilidades. Agradeço à Beatriz Saboia, por me apresentar à gravura e caminhar comigo nesse aprendizado.

Finalmente, um agradecimento especial a Laura Pies. O trabalho não seria possível sem a expansividade que construímos juntos.

Referências

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

PRECIADO, P. B. **Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia**. São Paulo: Zahar, 2020,

PRECIADO, P. B. **Manifesto Contrassexual. Políticas subversivas de identidade sexual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

BEY, Hakim. **TAZ: Zona Autônoma Temporária**. Trad. REZENDE, Renato. 2. Ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

DZI Croquettes. Direção: Tatiana Issa e Raphael Alvarez. Produção: Tria Produções. Manaus: Imovision, 2009. DVD (110 min.), color e PB.

VILELA, Lucila. “**A força do macho e a graça da fêmea**”: **Dzi Croquettes**. Interartive, Espanha, p. 1-1, 31 ago. 2011. Disponível em: <https://interartive.org/2011/02/dzi-croquettes>. Acesso em: 20 jul. 2023.

HENRY Darger: In The Realms of the Unreal. Direção: Jessica Yu. Estados Unidos: Forward Entertainment, 2004. Disponível em: <https://youtu.be/sRlvDKcDvsI>. Acesso em: 5 abr. 2023.

SANTOS, Henrique Cintra. **A transnacionalização da cultura dos Ballrooms**. 2018. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1633675>. Acesso em: 30 mai. 2023.

INSTITUTO PIPA (Brasil). **Prêmio PIPA 2020: A janela para a arte contemporânea brasileira**. Prêmio Pipa, São Paulo, v. 11, 2020.

MUSEO DEL PRADO (Espanha). **The Garden of Earthly Delights: Triptych**. In: Museo del Prado: The Collection. Madri, Espanha: Museo del Prado, 21 jun. 2023. Disponível em: <https://www.museodelprado.es/en/the-collection/art-work/the-garden-of-earthly-delights-triptych/02388242-6d6a-4e9e-a992-e1311eab3609>. Acesso em: 25 maio 2023.

ART GALLERY NSW (Austrália). **Robert Mapplethorpe - the perfect medium**. Art Gallery NSW, Nova Gales do Sul, Austrália, p. 1-1, 27 out. 2017. Disponível em: <https://www.artgallery.nsw.gov.au/artboards/robert-mapplethorpe/political-legacy/>. Acesso em: 14 jun. 2023.

ROBERT Rauschenberg and The Met's Centennial. The MET Archives, Estados Unidos, p. 1-1, 20
abr. 2022. Disponível em:
[https://www.metmuseum.org/perspectives/articles/2022/4/robert-rauschenberg-100-anniversary-print-
certificate](https://www.metmuseum.org/perspectives/articles/2022/4/robert-rauschenberg-100-anniversary-print-certificate). Acesso em: 9 jul. 2023.